



METRÔ LOTADO FULL SUBWAY

Fernando César Marcelino¹

Seis horas. Metrô lotado. Sinto um cheiro que tem um pouco de almíscar vagabundo e muito de suor. Suor de trabalho sei, mas também de uma falta de banho. O cheiro começa a arder em meu nariz.

Seis horas. Metrô lotado. A moça incomoda-se com o rapaz que insiste em respirar em sua nuca. É de dar dó. Olha uma, duas, três vezes com cara de poucos amigos, mas o rapaz parece não se incomodar e demonstra com um sorriso malicioso que começa a gostar do joguinho.

Seis horas. Metrô mais lotado ainda. Essa porta que não fecha nunca. A cada segundo que se passa mais gente consegue entrar. Chega a ser um absurdo até para as leis da física. Não deveria caber tanta gente ali.

Seis horas. Metrô lotadíssimo. “Próxima estação Sé. Desembarque pelo lado esquerdo do trem” diz uma voz que carrega o cansaço de um dia levando e trazendo pessoas. Noto uma certa irritação na voz do homem. “Evite atrasos! Não segure as portas do trem” havia dito na estação São Bento em tom nervoso.

Seis horas. Metrô entupido. Eu sentado observo tudo e todos. Naquele dia miraculosamente conseguira um lugar para sentar. Na verdade havia sido quase empurrado para aquele assento. Meu pouco tempo de São Paulo ainda me castigava com frequência. Estação Sé. Uma multidão tentar sair, outra multidão tenta entrar. Observo pela janela e vejo um casal atípico. Uma moça grudada ao braço do rapaz, com roupas que sugerem não serem daqui. Ninguém em São Paulo usaria roupas como aquelas. Era algo de mau gosto e inocente ao mesmo tempo. Um vestido muito longo para a estação exibia flores muito coloridas. A camisa do moço, mangas longas em pleno verão, abotoada até o pescoço

¹ Fernando César Marcelino Mestrando em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. fmarcelino@uol.com.br



seguravam o suor que jorrava pela têmpora. Uma mala/baú completa o estranho quadro. Muito grande para carregar às seis horas na estação Sé do metrô.

Olho para os dois e por alguns segundos me comovo com sua inocência. Era a mesma inocência que eu começava a perder depois de alguns anos em São Paulo. Já me sentia confortável em algumas situações. Já não ficava tão tenso ao pegar um metrô ou ônibus lotado.

A porta da esquerda se abre. Uma cascata de pessoas jorra e o movimento me lembra o gira português. As pessoas, todas de braços para baixo, parecia estar dando pulinhos ao sair. Se as sardinhas pudessem sair da lata acho que sairiam assim...

A porta da direita se abre. Noto desespero nos olhos do casal. A moça parece estar mais assustada que o rapaz que tenta bravamente disfarçar seu medo. Entram. Não, são empurrados. Deus do céu! É muita gente...

Seis horas. Metrô lotado. O desespero para se conseguir entrar é infinitamente maior que a educação. Senhores e senhoras são empurrados. Não havia banco cinza naquela época e a maioria ia em pé mesmo. O casal entra. O casal sai.

Eu que acompanhava cada movimento atentamente não conseguia acreditar no que via. O casal entrou pela porta da direita e saiu pela da esquerda. Inacreditável.

Não percebem...

Seis horas, metrô lotado. Sendo arrastados por aquele mar revolto de trabalhadores, a moça subitamente exclama: “IH, TÂMO FORA”.

Tentam em vão nadar contra a corrente. A porta se fecha e eu atônito os observo, com dó a princípio antes de explodir em uma louca gargalhada que quem ouviu fingiu que não ouviu.

Seis horas. Metrô lotado.